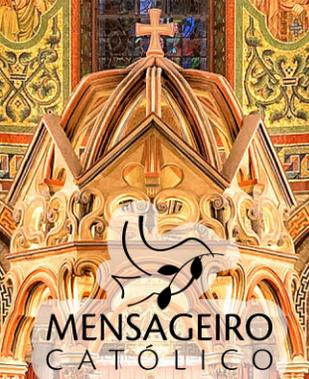
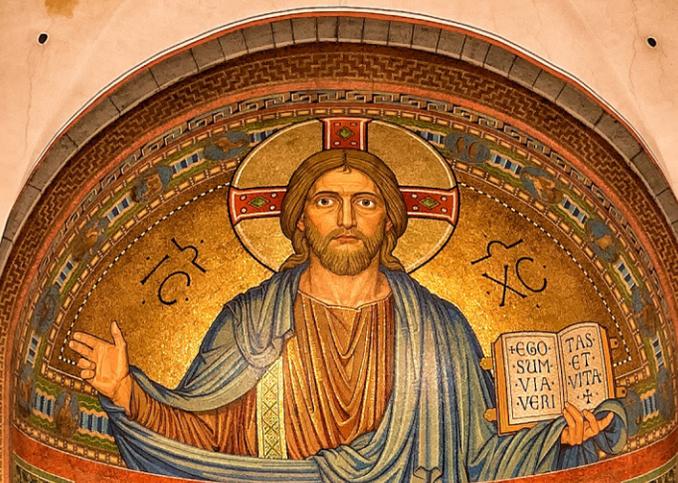


José Lopes da Silva

OPÚSCULO

O que Deus diz de si mesmo



MENSAGEIRO
CATÓLICO

José Lopes da Silva

OPÚSCULO

O que diz Deus de si mesmo

2020

APRESENTAÇÃO

O Mensageiro Católico na sua preocupação com a defesa da fé católica, passou a ofertar opúsculos específicos sobre matéria de fé e doutrina católicas, visando dissipar erro e propostas enganosas de certas correntes de pensamento anticatólicas. Os opúsculos, por serem breves e extremamente didáticos, são de fácil leitura e compreensão dos temas por eles abordados.

INTRODUÇÃO

A Bíblia não contém tratado sobre Deus, não se afasta e distância como quem descreve um objeto, não nos convida a falar de Deus, mas sim a ouvi-lo falar e a responder-lhe confessando a sua glória e servindo-lhe. Contanto que se permaneça na obediência e ação de graças, é possível formular o que Deus diz de si mesmo na Bíblia. Deus não fala de si do mesmo modo no Antigo Testamento e no Novo Testamento, quando se dirige a nós pelos seus profetas e quando pelo seu Filho (He 1,1s). Mais que em qualquer outro assunto impõe-se aqui de maneira rigorosa a distinção entre o Antigo Testamento e o Novo Testamento, pois “ninguém jamais viu a Deus; só o Filho único que está no seio do Pai o deu a conhecer” (Jo 1,18). Como é preciso rejeitar a herética oposição entre o Deus vingativo do Antigo Testamento e o Deus bom do Novo Testamento, assim é preciso manter que só Jesus Cristo nos revela o segredo do único Deus dos dois Testamentos.

SUMÁRIO

DEUS NO ANTIGO TESTAMENTO	6
I. Deus é primeiro	6
II. El, Elohim, Yahweh	7
1. El. El é conhecido e adorado fora de Israel	8
2. Yahweh (Javé)	8
III. Deus fala de si mesmo.....	9
1. Deus vivo	9
2. Deus santo	10
3. “Eu sou um Deus ciumento” (Ex 20,5)	10
4. “Não terás outros deuses fora de mim” (Ex 20,3).....	10
5. “Eu sou Deus e não homem” (Os 19,11)	11
IV. Os nomes dados a Deus pelo homem.....	13
DEUS NO NOVO TESTAMENTO	14
I. Em Jesus Cristo, acesso a Deus	14
II. Em Jesus Cristo, revelação do verdadeiro Deus	15
1. O idólatra	15
2. Para o pagão que busca Deus	
3. O judeu que esperava a Deus já o conhecia.	16
4. Deus é amor	17
III. A glória de Deus na face de Jesus Cristo.....	17
IV. O Deus de Nosso Senhor Jesus Cristo	18
V. Deus é Espírito	19
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	21

DEUS NO ANTIGO TESTAMENTO

I. DEUS É PRIMEIRO

Desde “o princípio” (Gn 1,1; Jo 1,1) Deus existe e sua existência se impõe como um fato inicial, que não precisa de qualquer explicação. Deus não tem origem, nem devir; o Antigo Testamento ignora as teogonias que nas religiões do antigo Oriente explicam a construção do mundo pela gênese dos deuses. Porque só ele é “o primeiro e o último” (Is 41,4; 44,6; 48,12), o mundo é todo inteiro obra sua, criação sua.

Por ser o primeiro, Deus não tem de se apresentar; impõe-se ao espírito do homem pelo simples fato de ser Deus. Em parte alguma se supõe uma descoberta de Deus, um procedimento progressivo que tenha levado o homem a afirmar a sua existência. Conhecê-lo é ser conhecido (cf. Am 3,2) e descobri-lo na origem da própria existência; fugir dele é ainda sentir-se perseguido pelo seu olhar (Gn 3,10; SI 139,7).

Por ser Deus o primeiro, desde que ele se dá a conhecer denotam-se nitidamente a sua personalidade, as suas reações e os seus desígnios. Por pouco que ainda se saiba dele, sabe-se, desde o instante em que se o des-cobre, que Deus quer algo de preciso e que sabe exatamente aonde vai e o que faz.

Essa absoluta anterioridade de Deus está expressa nas tradições do Pentateuco de duas maneiras complementares. A tradição javista põe

em cena Javé desde o início do mundo e, bem antes do episódio da Sarça ardente, mostra-o já ocupado em perseguir o seu único desígnio. As tradições eloístas, pelo contrário, sublinham a novidade trazida pela revelação do nome divino a Moisés, mas ao mesmo tempo assinalam que sob vocábulos diversos, que são quase sempre epítetos do nome divino El, Deus já se tinha dado a conhecer. Moisés, com efeito, só pode reconhecer Javé como o verdadeiro Deus se — obscura, mas distintamente - já conhece a Deus. Essa identidade do Deus da razão e do Deus da revelação, essa prioridade de Deus, presente ao espírito do homem logo que ele desperta, é assinalada ao longo de toda a Bíblia pela identificação imediata e constante entre Javé e Elohim, entre o Deus que se revela a Israel e o Deus que as nações podem nomear.

Por isso, todas as vezes que Javé se revela apresentando-se, ele se nomeia e define pronunciando o nome de El/Elohim, com tudo que este evoca: “o Deus do teu pai” (Ex 3,6), “o Deus de vossos pais” (Ex 3,15), “o vosso Deus” (Ex 6,7), “Deus de ternura e de piedade” (Ex 34,6), “o teu Deus” (Is 41,10; 43,3), ou simplesmente “Deus” (1R 18,21.36s). Entre o nome de Deus e o de Javé se estabelece uma relação viva, uma dialética: para poder se revelar como Javé, o Deus de Israel se afirma como Deus, mas, revelando-se como Javé, diz de modo absolutamente novo quem é Deus e o que é Deus.

II. EL, ELOHIM, YAHWEH

El é, na prática, o equivalente arcaico e poético de Elohim; assim como Elohim, e assim como o nosso termo Deus, El é ao mesmo tempo substantivo comum que designa a divindade em geral e nome próprio que designa a pessoa única e definitiva que é Deus. Elohim é um plural; não plural majestático - desconhecido no hebraico - nem tampouco sobrevivência politeísta, inverossímil na mentalidade israelita num ponto tão delicado; mais provavelmente resquício duma concepção

mítica comum, que percebe o divino como uma pluralidade de forças.

1. El. El é conhecido e adorado fora de Israel

Como substantivo comum, designa a divindade em quase todo o mundo semítico; como nome próprio, é o dum grande deus que parece ter sido deus supremo no setor oeste do citado mundo, particularmente na Fenícia e em Canaã. Teria porventura sido El, desde as origens semíticas, um deus comum, supremo e único, cuja religião, pura, mas frágil, teria sido mais tarde eclipsada por um politeísmo mais sedutor e corrompido? Ou antes, teria sido o deus chefe e guia dos diferentes clãs semitas, deus único para cada clã, mas sem condição de fazer prevalecer sua unicidade quando entrava em choque com outros grupos, depois degradado a uma das figuras do panteão pagão? Essa história é obscura, mas o certo é que os patriarcas, sob diferentes epítetos, El Elyôn (Gn 14,22), El Roi (16,13), El Shaddai (17,1; 35,11; 48,3), El Bethel (35,7), El Olam (21,33), nomeiam o seu Deus El, e que no caso específico de El Elyôn, o deus de Melquisedec, rei de Salém, esse El é apresentado como idêntico ao Deus de Abraão (14,20ss). Esses fatos mostram não somente que o Deus de Israel é o juiz de toda a terra” (18,25), mas também que é suscetível de ser reconhecido e efetivamente adorado como o verdadeiro Deus, mesmo fora do povo eleito.

Contudo, esse reconhecimento é excepcional: na maior parte dos casos, os deuses das nações não são deuses (Jr 2,11; 2R 19,18). El/ Elohim não é praticamente reconhecido como o verdadeiro Deus a não ser revelando- se a seu povo sob o nome de Javé. A personalidade única de Javé dá à fisionomia divina, sempre mais ou menos pálida e constantemente desfigurada pelos diversos paganismos, uma consistência e uma vida que se impõem.

2. Yahweh (Javé)

Em Javé, Deus revela o que é e o que faz, o seu nome e a sua ação.

Sua ação é maravilhosa, inaudita, e seu nome, misterioso. Enquanto as manifestações de El aos patriarcas sobrevêm num país que lhes era familiar, sob formas simples e próxima Javé se revela a Moisés no cenário selvagem do deserto e na aflição do exílio, sob a figura temível do fogo (Ex 3,1-15). A revelação complementar de Ex 33,18-23; 34,1-7 não é menos terrífica. Contudo, esse Deus de santidade devoradora é um Deus de fidelidade e de salvação. Lembra-se de Abraão e de seus descendentes (3,6), está atento à miséria dos hebreus no Egito (3,7), resolvido a libertá-los (3,8) e a dar-lhes a felicidade. O nome de Javé sob o qual ele se manifesta corresponde à obra que ele tem em vista. Certamente, este nome comporta um mistério: diz, por si mesmo, algo de inacessível: “Eu sou quem sou” (3,14): ninguém pode constrangê-lo, nem mesmo penetrá-lo. Mas diz também algo de positivo, uma presença extraordinariamente ativa e atenta, um poder invulnerável e libertador, uma promessa inviolável: “Eu sou”.

III. DEUS FALA DE SI MESMO

Javé é o eco, repetido pelos homens na terceira pessoa, da revelação feita por Deus na primeira pessoa: ehyeh, “Eu sou”. Esse nome que diz tudo, o próprio Deus o comenta constantemente com as diversas fórmulas que dá de si mesmo.

1. Deus vivo

A fórmula “Eu estou vivo” na boca de Deus é quiçá uma criação tardia de Ezequiel: é em todo o caso eco duma fórmula muito antiga e muito popular da fé israelita: “Javé está vivo” (Jz 8,19; 1R 17,1...), “o Deus vivo” (1S 17,26.36; 2R 19,16...). Ela bem exprime a impressão que o homem tem diante de Javé, a duma presença extraordinariamente ativa, duma espontaneidade imediata e total “que não se afadiga nem se cansa” (Is 40,28), “que não dorme nem adormece” (SI 121,4), que de pronto reage quando alguém toca nos seus (1S 17,26.36; Os 2,1;

DI 6,21). A sua linguagem no Horeb, no instante em que revela seu nome, bem traduz essa intensidade de vida, essa atenção à sua obra: “Eu vi... Eu prestei ouvidos... Eu conheço... Eu estou resolvido... Eu te envio” (Ex 3,7-10); o “Eu sou” que essas explosões preparam não pode ser menos dinâmico do que elas.

2. Deus santo

“Eu o juro pela minha santidade” (Am 4,2), “Eu sou o Santo” (Os 11,9). Esta vitalidade irresistível e, no entanto, todo interior, esse ardor que ao mesmo tempo devora e faz viver, é a santidade. Deus é santo (Is 6,3), seu Nome é santo (Am 2,7; Lv 20,3; Is 57,15...) e a irradiação de sua santidade santifica o seu povo (Ex 19,6). A sua santidade abre diante de Deus um abismo intransponível a qualquer criatura; nenhuma pode suportar a sua aproximação, o firmamento vacila, as montanhas se liquefazem (Jz 5,4s; Ex 19,16...) e toda carne treme, não só o homem pecador que se vê perdido, mas até os serafins de chama, indignos de comparecer diante de Deus (Is 6,2).

3. “Eu sou um Deus ciumento” (Ex 20,5)

O zelo ciumento de Deus é um outro aspecto da sua intensidade interior. É a paixão que ele põe em tudo que faz e em tudo que toca. Não pode suportar que uma mão estranha venha profanar o que é do seu interesse, o que sua atenção “santifica” e torna sagrado. Não pode tolerar que qualquer de suas empresas falhe (cf. Ex 32,12; Ez 36,22...), não pode “ceder a sua glória a ninguém” (Is 48,11).

Quando os profetas descobrem que essa paixão de Deus por sua obra é a dum esposo, o tema assume uma intensidade e uma inferioridade novas. O ciúme divino é simultaneamente ira temível e ternura vulnerável.

4. “Não terás outros deuses fora de mim” (Ex 20,3)

O ciúme de Deus tem por objeto essencial “os outros deuses”. O monoteísmo israelita não é fruto nem duma reflexão metafísica nem

duma integração política nem numa evolução religiosa; é afirmação da fé, e é tão antigo em Israel quanto a fé, ou seja, quanto a certeza da sua eleição, de ter sido entre todos os povos escolhido por um Deus ao qual pertencem todos os povos. Esse monoteísmo da fé pôde por muito tempo conciliar-se com representações que comportam a existência de “outros deuses”, por exemplo, de Kamosh em Moab (Jz 2,23s), ou com a impossibilidade de adorar a Javé fora das fronteiras da “sua herança” (1S 26,19; 2R 5,17). Desde as origens, porém, Javé não pode tolerar a presença concorrente, e toda a história de Israel é um desenrolar-se das suas vitórias sobre os seus rivais, os deuses do Egito, os Baals de Canaã, as divindades imperiais de Assur e de Babilônia, até ao triunfo definitivo, que faz evidenciar-se o nada dos falsos deuses. Triunfo que é por vezes obtido por milagres, mas que é permanentemente o da fé. Jeremias, que anuncia a ruína total de Judá e de Jerusalém, nota, em tom de simples observações, que os deuses das nações “nem sequer são deuses” (Jr 2,11) e sim uns “inexistentes” (5,7). Em pleno exílio, em face aos prestígios da “idolatria, do seio dum povo vencido e desonrado, refulgem as afirmações definitivas: “Antes de mim, nenhum deus foi formado, e não haverá outro depois de mim: eu, eu sou Javé, não há outro salvador senão eu” (Is 43,10s...). A lembrança do Horeb parece evidente, e a continuidade espiritual entre textos tão profundamente diferentes é significativa: Javé é o único Deus porque é o único capaz de salvar, “o primeiro e o último”, sempre presente, sempre atento. Se a idolatria o ofende “mortalmente”, é que ela põe em jogo a sua capacidade e a sua vontade de salvação, é que ela nega que ele esteja sempre presente e ativo, que ele seja Javé.

5. “Eu sou Deus e não homem” (Os 19,11)

Deus é absolutamente diferente do homem: é “espírito, e o homem é carne” (cf. Is 31,3), frágil e perecível como a erva (Is 40,7s). Essa diferença é tão radical que o homem a interpreta sempre falsamente.

No poder de Deus ele vê a força eficaz mas não a fidelidade do coração (cf. Nr 23,19); na sua santidade ele vê só distância intransponível, sem suspeitar que ela é ao mesmo tempo proximidade e ternura: “No meio de ti eu sou o Santo e não gosto de destruir” (Os 11,9). A transcendência incompreensível de Deus o faz ser ao mesmo tempo “o Altíssimo” na sua “morada elevada e santa” e aquele “que habita com o homem contrito e humilhado” (Is 57,15). Ele é o Todo-poderoso e o Deus dos pobres, faz ressoar sua voz no estrondo da tormenta (Ex 19,18ss) e no murmúrio da brisa (11,29,12), é invisível e o próprio Moisés não viu a sua face (Ex 33,23), mas, ao apelar, para se revelar, aos reflexos do coração humano, ele abre o seu próprio coração; ele proíbe toda representação de si mesmo, toda imagem da qual o homem iria fazer um ídolo ao adorar a obra de suas mãos, mas se oferece à nossa imaginação sob os traços mais concretos: ele é “o Totalmente Outro” que desafia qualquer comparação (Is 40,25), mas em toda a parte ele está em sua casa e não é para nós um estranho; as suas reações e o seu comportamento se traduzem pelos nossos gestos mais familiares: “modela” com suas mãos a argila que será o homem (Gn 2,7), aferrolha atrás de Noé a porta da Arca (Gn 7,16) para estar certo de que nenhum de seus habitantes se perca; tem o ímpeto triunfante do chefe de guerra (Ex 15,3...) e a solicitude do pastor para com seus animais (Ez 34,16); sustenta o universo em sua mão, e dedica ao minúsculo Israel o apego do vinhateiro à sua vinha (Is 5,1-7), a ternura do pai (Os 11,1) e da mãe (Is 49,15), a paixão do homem que ama (Os 2,16s). Os antropomorfismos podem ser ingênuos, mas exprimem sempre de maneira profunda um traço essencial do verdadeiro Deus: se ele criou o homem à sua imagem, é capaz de revelar-se através das reações do homem. Sem genealogia, sem esposa, sem sexo, se é diferente de nós, não é que seja menos homem do que nós; é, pelo contrário, perfeitamente, o ideal que do homem imaginamos: “Deus não é homem para mentir, nem um filho

do homem para se retratar” (Nr 23,19). Sempre Deus nos supera, e sempre na direção em que menos esperaríamos.

IV. OS NOMES DADOS A DEUS PELO HOMEM

O Deus do Antigo Testamento se revela, enfim, no comportamento daqueles que o conhecem e nos nomes que estes lhe dão. À primeira vista crê-se poder distinguir os títulos oficiais, empregados no culto comunitário, e os epítetos criados pela piedade pessoal. Na realidade, os mesmos epítetos se encontram, com as mesmas ressonâncias, na oração coletiva e na oração individual. Deus é tanto o “rochedo de Israel” (Gn 49,24; 2S 23,3...) como “meu rochedo” (SI 18,3s; 144,1) ou simplesmente “rochedo” (SI 18,32), “meu escudo” (SI 18,3; 144,2) e “nosso escudo” (SI 84,10; 89,19), o “pastor de seu povo” (MI 7,14...) e “meu pastor” (SI 23,1). Sinal de que o encontro com Deus é pessoal e vivo.

Estes epítetos são admiravelmente simples, tirados das realidades familiares, da vida cotidiana. A Bíblia ignora as infindáveis ladainhas do Egito ou da Babilônia, os títulos que se multiplicam em torno das divindades pagãs. O Deus de Israel é infinitamente grande, mas está sempre ao alcance da mão e da voz: ele é o Altíssimo (Elyôn), o Eterno (Olam), o Santo (Qadôsh), mas também “o Deus que me vê” (El Roi, Gn 16,13). Quase todos os seus nomes o definem por sua relação com os seus: “o Terror de Isaac” (Gn 31,42.53), “o Forte de Jacó” (49,24), o Deus de Abraão, de Isaac e de Jacó (Ex 3,6), o Deus de Israel, nosso Deus, meu Deus, meu Senhor. Mesmo o epíteto “o Santo”, que o segrega rigorosamente de toda carne, torna-se em seus lábios “o Santo de Israel” (Is 1,4...) e faz dessa santidade algo que pertence ao povo de Deus. Nessa posse recíproca aparece o mistério da aliança, e o anúncio da relação que une ao seu Filho único o Deus de nosso Senhor Jesus Cristo.

DEUS NO NOVO TESTAMENTO

I. EM JESUS CRISTO, ACESSO A DEUS

Em Jesus, Deus se revelou de maneira definitiva e total: tendo-nos dado o seu próprio Filho, não tem mais nada para reservar a si e não pode senão dar (cf. Rm 8,32). A certeza básica da Igreja, a descoberta que ilumina todo o Novo Testamento, é que com a vida, a morte e a ressurreição de Jesus, Deus realizou o seu gesto supremo, e que todo homem pode doravante ter acesso a ele. Esse gesto único e definitivo pode assumir nomes diversos, conforme as perspectivas. As fórmulas mais arcaicas proclamam simplesmente: “Esse Jesus crucificado... Deus o fez Senhor e Cristo... a promessa é para vós, para vossos filhos e para aqueles que estão longe” (At 2,36-39). “Por ele, arrependimento e remissão dos pecados” (At 5,31). Tais expressões parecem modestas, mas, embora menos explícitas, têm já um alcance tão amplo como as mais plenas fórmulas de Paulo sobre o “mistério de Deus, que é o Cristo” (Cl 1,27; 2,2), “em quem temos... acesso ao Pai” (Ef 2,18; 3,12), ou as de João: “A Deus ninguém jamais viu; o Filho único que está no seio do Pai, esse o deu a conhecer” (Jo 1,18). Desde o primeiro dia, a fé cristã sabe que sobre o Filho do homem se abriram os céus, morada de Deus (At 7,56; Jo 1,51; cf. Mc 1,10). Sob formas variadas e nomes diversos, “Revelação da Justiça de Deus” (Rm 3,21), “reconciliação”

(Rm 5,11; Ef 2,16), “irradiação da glória de Deus sobre os nossos semblantes” (2Co 3,18), “conhecimento de Deus” (Jo 17,3), o fundo da experiência cristã é o mesmo: Deus está a nosso alcance: por uma demonstração inaudita de poder e amor, na pessoa de Cristo, ele se oferece a quem o quer receber.

É também uma e a mesma coisa aderir a Jesus Cristo na fé e conhecer o verdadeiro Deus: “a vida eterna é... conhecer o único verdadeiro Deus e o [seu] enviado, Jesus Cristo” (Jo 17,3). Diante do fato Jesus Cristo, o homem que chega à fé, quer venha do judaísmo ou do paganismo, quer tenha sido formado pela razão ou pela tradição de Israel, descobre o verdadeiro semblante e a presença viva de Deus.

II. EM JESUS CRISTO, REVELAÇÃO DO VERDADEIRO DEUS

1. O idólatra

Colocado por Paulo diante do Evangelho (Rm 1,16s), o idólatra aí descobre em Cristo o verdadeiro semblante de Deus e o do seu próprio pecado. O Evangelho de Cristo desmascara ao mesmo tempo a perversão da sabedoria pagã que “troca a glória do Deus incorruptível por uma imagem dum ser perecível” (Rm 1,23), a fonte dessa perversão, “a preferência dada à criação em vez de ao Criador” (1,25), “a recusa de lhe render glória” (1,21), e o seu resultado fatal, a degradação do homem e a morte (1,32). “Renunciando aos ídolos... para esperar” a Jesus Cristo, o pagão descobre “o Deus vivo e verdadeiro” (1Tm 1,9); encontra sobre a face de Cristo a glória de Deus (2Co 4,6), da qual estava exilado (Rm 3,23).

2. Para o pagão que busca Deus às apalpadelas (At 17,27) e pela sabedoria continua capaz de chegar a Deus (1Co 1,21; Rm 1,20), a descoberta que ele faz em Cristo não é menos nova, nem menos profunda a mudança. No Deus de Jesus Cristo ele encontra,

por certo, a “natureza” divina, o ser eterno, inalterável, todo-poderoso, onisciente, infinitamente bom e desejável; mas esses atributos já não têm a luz igual e longínqua da evidência metafísica; têm o brilho fulgurante e misterioso das iniciativas pelas quais Deus manifestou a sua graça e nos volveu a sua face (cf. Nr 6,25). Sua onisciência torna-se o olhar pessoal que nos segue no escondido (Mt 6,4ss) e perscruta o fundo dos corações (Lc 16,15); sua onipotência é sua capacidade de “destas pedras suscitar filhos a Abraão” (Mt 3,9), de “chamar o nada à existência” (Rm 4,17), quer se trate de fazer surgir a criação, de fazer nascer um filho a Abraão ou de ressuscitar dentre os mortos o Senhor Jesus (Rm 4,24); sua eternidade é a fidelidade da sua palavra e a solidez da sua promessa, é “o Reino que Deus prepara aos seus desde a fundação do mundo” (Mt 25,34); sua bondade é a maravilha inaudita de que “Deus nos amou primeiro” (1J 4,10.19) quando éramos seus inimigos (Rm 5,10). O conhecimento natural de Deus, que afinal, por mais real que seja, não é senão um conhecimento mais profundo deste mundo, a revelação de Jesus Cristo o substitui pela presença imediata, o amplexo pessoal do Deus vivo. Porque conhecer a Deus é ser conhecido por ele (G1 4,9).

3. O judeu que esperava a Deus já o conhecia.

Na eleição, Deus lhe havia feito ouvir a sua vocação; na Aliança, tinha-se encarregado de sua existência; pelos seus profetas, tinha-lhe realmente dirigido a palavra (He 1,1); diante dele era Deus um ser vivo que chamava ao diálogo. Mas até onde devia ir esse diálogo, até que engajamento da parte de Deus, até que resposta no homem, isso o Antigo Testamento não pode dizer. Persiste uma distância entre o Senhor e os seus mais fiéis servidores. Deus é um “Deus de ternura e de piedade” (Ex 34,6), tem a paixão do esposo e a ternura dum pai, mas, por trás dessas imagens que têm com que alimentar indefinidamente os nossos sonhos, mas ainda nos dissimulam a realidade, que segredo

Deus nos reserva?

O segredo se revela em Jesus Cristo. Diante dele se produz um julgamento, a divisão dos corações. Aos que se negam a crer em Jesus não adianta dizer do seu Pai: “Ele é o nosso Deus”: eles não o conhecem e não proferem mais que uma mentira (Jo 8,54s; cf. 8,19). Os que creem já não são embargados por qualquer segredo que seja, ou, melhor, entraram no segredo, no mistério impenetrável de Deus, estão à vontade neste mistério, ouvem o Filho confidenciar-lhes: “Tudo que ouvi do meu Pai vo-lo dei a conhecer” (Jo 15,15). Acabaram-se as figuras, acabaram-se as parábolas: Jesus fala do Pai com toda a clareza (16,25). Já não há perguntas a fazer-lhe (16,23), já não há inquietações (14,1): os discípulos “viram o Pai” (14,7).

4. Deus é amor

Tal é o segredo (1J 4,8.16) ao qual só se tem acesso por Jesus Cristo, “reconhecendo” nele “o amor que Deus tem por nós” (4,16). O AT havia podido pressentir que o amor, sendo o grande mandamento (Dt 6,5; Mt 22,37) e o valor supremo (Ct 8,6s), devia ser a definição mais exata de Deus (cf. Ex 34,6). Mas se tratava ainda duma linguagem criada pelo homem, de imagens a serem transpostas. Em Jesus Cristo, Deus mesmo nos dá a prova decisiva, livre de todo equívoco, de que o acontecimento do qual pende o destino do mundo é um gesto de seu amor. Entregando à morte por nós “o seu Filho bem-amado” (Mc 1,11; 12,6), Deus nos provou (Rm 5,8) que sua atitude definitiva para conosco é de “amar o mundo” (Jo 3,16), e que, por esse gesto supremo e irrevogável, ele nos ama com o próprio amor com que ama a seu Filho único e nos torna capazes de o amar-mos com o amor que lhe dedica seu Filho, ele nos dá o dom do amor que une o Pai e o Filho e que é o seu Espírito Santo.

III. A GLÓRIA DE DEUS NA FACE DE JESUS CRISTO

A certeza cristã de ser admitido ao próprio segredo de Deus não se baseia numa dedução; o raciocínio pode explicitá-la: “Aquele que nos entregou seu Filho único, como não haveria de nos dar tudo?” (Em 8,32), mas a sua força não provém de nossa lógica, vem da Revelação absoluta que a presença do Verbo constitui para nós homens que vivemos na carne. Em Cristo apareceu realmente “o amor de Deus para com o homem” (1ª Tm 3,4). Aquele que “ninguém jamais viu” (Jo 1,18), Jesus não somente no-lo descreveu e caracterizou, nem somente nos deu dele uma idéia exata. Sendo “resplendor da glória de Deus, figura de sua substância” (He 1,3), ele no-lo fez ver e como que no-lo tornou sensível: “Quem me viu, viu o Pai” (Jo 14,9). Não se trata apenas duma reprodução, mesmo perfeita, duma cópia idêntica ao original. Sendo o Filho único, estando no Pai e tendo em si o Pai (14,40), Jesus não pode dizer uma palavra, fazer um gesto, sem se voltar para o Pai-, sem receber dele seu impulso e orientar para ele toda a sua ação (5,19s.30). Como nada pode fazer sem olhar para o Pai, não pode dizer o que é sem se referir ao Pai (Mt 11,27). Na raiz de tudo o que faz e de tudo o que é, está a presença e o amor do seu Pai: aqui está o segredo de sua personalidade, da glória que irradia da sua face (2Co 4,6) e marca todos os seus gestos.

IV. O DEUS DE NOSSO SENHOR JESUS CRISTO

O Deus de Jesus Cristo é seu Pai: e Jesus, quando a ele se dirige, o faz com a familiaridade e impulso do filho: “Abba”. Mas é também seu Deus, porque o Pai, possuindo a divindade sem recebê-la de outro qualquer, a dá toda inteira ao Filho que gera desde toda a eternidade, e ao Espírito Santo, em quem eles dois se unem. Assim Jesus nos revela a identidade do Pai e de Deus, do mistério divino e do mistério trinitário. Por três vezes Paulo repete a fórmula que exprime essa revelação: “O Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo” (Rm 15,6; 2Co 11,31; Ef

1,3). Cristo nos revela a Trindade divina pela única via que nos é, se assim ousamos dizer, acessível, por aquela à qual Deus nos destinou criando-nos à sua imagem: a da dependência filial.

Porque o Filho diante de seu Pai é o exemplar perfeito da criatura diante de Deus, ele nos revela no Pai a figura perfeita do Deus que se dá a conhecer à reta sabedoria e que se revelou a Israel. O Deus de Jesus Cristo possui em plenitude, e com uma originalidade que o homem nem pode sonhar, os traços que ele de si próprio revelava no AT. Ele é para Jesus, como não o é para nenhum de nós, “o primeiro e o último”, aquele de quem Cristo vem e ao qual retorna, aquele que explica tudo e de quem tudo desce, aquele cuja vontade deve cumprir-se a todo custo e que sempre basta. Ele é o Santo, o único Bom, o único Senhor. Ele é o único junto de quem nada conta; e Jesus, para mostrar o que ele vale, “a fim de que o mundo saiba [que ele] ama [seu] Pai” (Jo 14,31), sacrifica todos os esplendores da criação e enfrenta o poder de Satanás, o horror da cruz. Ele é o Deus vivo, sempre ativo, atento a todas as suas criaturas, apaixonado pelos seus filhos, e é seu ardor que devora Jesus enquanto não tiver entregue o Reino ao seu Pai (Lc 12,50).

V. DEUS É ESPÍRITO

Este encontro do Pai e do Filho se dá no Espírito Santo. No Espírito Jesus Cristo ouve o Pai lhe dizer: “Tu és meu Filho” e recebe seu gozo (Mc 1,10). No Espírito, faz subir de volta ao Pai o seu gozo de ser o Filho (Lc 10,21s). Como não pode unir-se ao Pai senão no Espírito, Jesus Cristo também não pode revelar o Pai sem revelar ao mesmo tempo o Espírito Santo.

Revelando que o Espírito é uma pessoa divina, Jesus Cristo também revela ao mesmo tempo que “Deus é espírito” (Jo 4,24) e o que isto significa. Se o Pai e o Filho se unem no Espírito, é porque não se unem para fruir um do outro na posse, mas no dom; é que a sua união é um

dom, e produz um dom. Se, porém, o Espírito, que é dom, sela assim a união do Pai e do Filho, é portanto porque na sua essência eles são dom por si mesmos, é porque a sua comum essência é de se doarem, de existirem no outro e de fazerem existir o outro. Ora, esse poder de vida, de comunicação e de liberdade, é o espírito. Deus é espírito, o que quer dizer que é simultaneamente onipotência e onidisponibilidade, soberana afirmação de si mesmo e total desapego, quer dizer que ao tomar posse de suas criaturas ela as faz existir em toda a sua originalidade. É bem outra coisa que o não-ser-feito-de-matéria, é escapar a todas as barreiras, a todas as duplicaturas, é ser eternamente e a cada instante força nova e intacta de vida e de comunhão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2002.
- CONCÍLIO VATICANO II. *Compêndio do Vaticano II: constituições.*
- J. BOCCALI. *Concordantiae Verbalis opusculorum S. Francisci et S. Clarae.* Assisiensium. Assis: Ed. Porziuncula, 1995.
- E. CAROLI.(Coord). *Dicionário Franciscano.* Petrópolis: Vozes-Cefepal, 1993.
- K. ESSER. *Gli Scritti di S. Francesco d'Assisi.* Nuova versione critica e versione italiana. Padova: Messaggero, 1982.
- Imagens de Domínio Público - <https://pixabay.com>